

O “ARMÁRIO” E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL EM “O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN”

THE “CLOSET” AND THE CONSTRUCTION OF HOMOSEXUAL IDENTITY IN “BROKEBACK MOUNTAIN”

Francisco Arkires Silva do Nascimento¹
Rafael Lima Vieira²

Resumo: o presente artigo propõe uma análise da construção da identidade homossexual no filme O Segredo de Brokeback Mountain (2005), dirigido por Ang Lee e adaptado do conto de Annie Proulx (1997). Baseado em uma abordagem qualitativa e interpretativa, o estudo utiliza a análise de discurso de Fairclough (2001) para explorar como os conflitos sociais são refletidos na linguagem dos personagens. O corpus da pesquisa consiste em cenas selecionadas do filme que evidenciam as tensões entre a vida pública e privada dos protagonistas. A pesquisa é fundamentada nos conceitos de “heterossexualidade compulsória” de Rich (1980) e nas ideias de Butler (1990) sobre a construção de identidades dentro de matrizes de poder, além da noção de “identidade líquida” de Bauman (2005). Com base também nas teorias de Stuart Hall (1997) sobre representação, o artigo explora como as atitudes sociais em relação à homossexualidade são reproduzidas e contestadas, destacando a discrepância entre a expressão pública e privada da identidade dos protagonistas, imposta pela normatividade heterossexual.

Palavras-chave: Heterossexualidade Compulsória; Identidade Homossexual; Análise do Discurso; Performatividade de Gênero.

Abstract: this paper proposes an analysis of the construction of homosexual identity in the film Brokeback Mountain (2005), directed by Ang Lee and adapted from the short story by Annie Proulx (1997). Based on a qualitative and interpretative approach, the study applies Fairclough’s (2001) discourse analysis to explore how social conflicts are reflected in the characters’ language. The research corpus consists of selected scenes from the film that highlight the tensions between the protagonists’ public and private lives. The research is grounded in Rich’s (1980) concept of “compulsory heterosexuality,” Butler’s (1990) ideas on the construction of identities within power structures, and Bauman’s (2005) notion of “liquid identity.” Drawing on Stuart Hall’s (1997) theories on representation, the paper examines how social attitudes towards homosexuality are reproduced and contested, emphasizing the discrepancy between the public and private expression of the protagonists’ identities, imposed by heteronormative standards.

Keywords: Compulsory Heterosexuality; Homosexual Identity; Discourse Analysis; Gender Performativity.

1 INTRODUÇÃO

No âmbito dos discursos que permeiam a sociedade contemporânea, evidencia-se a complexa natureza do processo de criação de significados. Kress (2010) argumenta que tal processo é inerentemente multimodal e culturalmente situado, refletindo, assim, a diversidade e a complexidade das experiências humanas. Nesta conjuntura, o cinema desponta como um veículo comunicacional e expressivo de relevância singular na

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Ceará, E-mail: arkiresilva52@gmail.com.

² Mestre em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor pedagogo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Atualmente, desenvolve estudos em teorias de gênero e sexualidade.

transmissão e exploração desses discursos e significados, fornecendo, por conseguinte, uma janela para a apreensão das sutilezas inerentes à condição humana. Desse modo, este estudo se propõe a explorar essa dinâmica por meio de uma análise do filme "O Segredo de *Brokeback Mountain*" (2005), dirigido por Ang Lee e adaptado do conto homônimo de Annie Proulx (1997). A obra cinematográfica, ambientada no cenário rural do oeste americano, apresenta uma narrativa que desafia as normas e expectativas convencionais de sexualidade³. Através da história de amor entre os personagens principais, Ennis e Jack, o filme explora temas de repressão, onde os personagens tendem a reprimir seus sentimentos e a construção de sua identidade homossexual.

A escolha do filme "O Segredo de *Brokeback Mountain*" como *corpus* deste estudo decorre de sua relevância cinematográfica e de sua resignificação no espaço digital contemporâneo, especialmente na plataforma *Tik Tok*. Visto que, nessa rede social, cenas icônicas do filme têm sido recorrentemente postadas, reinterpretadas e disseminadas, funcionando como reflexo dos dilemas e experiências que permeiam as relações homoafetivas na vida moderna. Tais fragmentos, amplamente difundidos na plataforma, manifestam um movimento coletivo de registro e contestação das dinâmicas de invisibilidade e negligência social envolvendo o amor entre pessoas do mesmo sexo.

Metodologicamente, este estudo adota uma abordagem qualitativo-interpretativa, ancorada em uma pesquisa exploratória de natureza básica, com o objetivo de examinar as dinâmicas de repressão e construção da identidade homossexual presentes no filme "O Segredo de *Brokeback Mountain*". O *corpus* da pesquisa é composto por uma seleção de cenas que evidenciam os conflitos entre a vida pública e privada dos protagonistas, Ennis e Jack, que, apesar de seu relacionamento íntimo, mantêm uma fachada heterossexual para atender às expectativas sociais. A análise será conduzida com base nos pressupostos de Fairclough (2001), cuja teoria do discurso crítico destaca como as práticas discursivas configuram e são configuradas pelas estruturas sociais e culturais. Segundo Fairclough (2001), o discurso é uma prática social que constrói e molda a realidade, sendo um instrumento crucial na reprodução das relações de poder. A análise proposta enfoca como os diálogos e as interações entre os personagens exprimem a tensão entre o desejo reprimido e as imposições da heteronormatividade.

³ Culturalmente, as obras cinematográficas do gênero western, ambientadas no cenário rural do oeste americano, seguem uma estrutura narrativa que, em sua essência, reforça a heteronormatividade e os papéis tradicionais de gênero. Tais filmes são caracterizados por retratar a figura de um herói masculino que enfrenta adversidades ligadas ao conflito entre civilização e selvageria, conforme destaca Mattos (2004, p. 18): "a trajetória narrativa de todo e qualquer western aciona a oposição dominante civilização-selvageria, gerando um conflito – ou uma série de conflitos – que são constantemente intensificados até que o confronto climático se torna inevitável". O enredo tradicionalmente inclui o estabelecimento de um romance heterossexual entre o protagonista e uma figura feminina, o que reforça os valores patriarcais e a masculinidade hegemônica. No entanto, "O Segredo de *Brokeback Mountain*" subverte essa estrutura ao deslocar o foco do enredo para um relacionamento homoafetivo entre dois *cowboys*. Ao fazê-lo, a obra rompe com as convenções estabelecidas pelo gênero western e desafia diretamente as normas hegemônicas de sexualidade, oferecendo uma narrativa que transcende os limites heteronormativos tradicionais deste estilo cinematográfico.

Além disso, a teoria da "heterossexualidade compulsória", de Rich (1980), fundamenta a investigação sobre como a sociedade impõe a heterossexualidade como estalão, marginalizando outras formas de expressão sexual. No filme, essa imposição é nítida, com os protagonistas sendo forçados a ocultar sua verdadeira identidade para evitar a exclusão e o preconceito. Além disso, Bauman (2005) oferece a noção de "identidade líquida", defendendo que a identidade é fluida e moldada pelas interações sociais e culturais. Esses autores, em conjunto, fornecem o arcabouço teórico necessário para a análise das dinâmicas de identidade e poder no filme "O Segredo de *Brokeback Mountain*".

2 LINGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E DISCURSO CRÍTICO

A Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) é um campo linguístico que analisa a língua a partir de sua relação com a vida social, ou seja, concentra-se nos usos que fazemos da linguagem e nos contextos em que produzimos discursos. A LSF é sistêmica porque considera a língua como escolha. Sobre isso, Praxedes Filho (2014) afirma que:

A LSF é "sistêmica" porque não considera as línguas como conjuntos de regras usadas para formar estruturas. Considere-as como conjuntos de recursos de significados, formas e expressões, dentre as quais fazemos escolhas, o que implica que as línguas são potenciais de recursos organizados em sistemas. Isso implica, por fim, que cada uma, seja oral-auditiva ou visuo-espacial, é um sistema de sistemas formalizado via redes de sistemas de significados, lexicogramaticais, fonológico-fonéticos e grafológico-graféticos (para línguas não-ágrafas). Antes de serem "encadeamento" (estrutura = dimensão organizacional sintagmática), as línguas são "escolha" (potencial sistêmico no polissistema ou rede de sistemas = dimensão organizacional paradigmática), sendo a dimensão de "encadeamento" mera realização da dimensão de "escolha" (Praxedes Filho, 2014, p. 16).

Nesse sentido, a LSF entende o discurso como uma construção sociocultural que está inscrita na história e que serve como prática de representação e significação do mundo. De acordo com Fairclough (2001), discurso é uma prática social que reflete e constrói a realidade. Essa perspectiva é fundamental para entender a Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), que se desenvolveu a partir dos princípios da LSF. A ACD fornece instrumentos teórico-metodológicos para investigar a relação entre linguagem, poder e sociedade. Por meio da ACD, é possível examinar como a linguagem é utilizada nas relações sociais para exercer e manter o poder, além de entender como essas relações são representadas e reforçadas através dos discursos.

A ACD considera que o discurso não é neutro; ele é uma forma de ação social que pode tanto desafiar quanto perpetuar as desigualdades e injustiças sociais. Ao analisar o discurso criticamente, a ACD busca revelar as ideologias subjacentes e os mecanismos pelos

quais a linguagem contribui para a construção das realidades sociais. Considerando os textos como a manifestação material do discurso, Fairclough (2001) entende-os como parte integrante dos eventos sociais, o que implica que podem ser originados tanto da estrutura e da prática social quanto dos agentes envolvidos nessa prática. Em suas palavras, "a análise do discurso é uma maneira de revelar as relações de poder que são exercidas e reproduzidas através da linguagem" (Fairclough, 2001, p. 29).

Dessa forma, as metodologias de análise, segundo o autor, devem centrar-se na estrutura textual e nos fatores concernentes à produção e interpretação dos textos. Ainda, Fairclough (2001) destaca que a análise do discurso deve levar em conta três dimensões inter-relacionadas: a textual, a prática discursiva e a prática social. A dimensão textual envolve a análise detalhada dos textos, incluindo aspectos como léxico, gramática e estrutura. A prática discursiva refere-se aos processos de produção, distribuição e consumo dos textos. Finalmente, a prática social abrange os contextos socioculturais e históricos em que os textos são produzidos e interpretados.

Para fundamentar a análise do nosso *corpus*, utilizaremos a prática discursiva social proposta por Fairclough (2001). Essa abordagem nos permitirá compreender como as práticas discursivas presentes no contexto em que as personagens do filme se inserem refletem a maneira como elas se percebem. Além disso, investigaremos de que forma esse discurso influencia suas relações, restringindo-as e limitando-as a um estado de opacidade, onde seus desejos e prazeres sexuais permanecem ocultos. Os fundamentos dessa teoria (ACD) asseguram-nos que o discurso, em interação com outras práticas sociais (outras manifestações discursivas), gera e transforma conhecimentos, crenças, relações e identidades sociais. Como teoria com orientação social, a Análise Crítica do Discurso (ACD) investiga as relações de poder implicadas nas mudanças sociais e as conexões, frequentemente veladas, entre a língua e os elementos da vida social.

O caráter crítico desta disciplina destaca a relevância do fator social no estudo da linguagem; assim, a descrição textual deve estar ligada a contextos sociais mais amplos. Halliday e Matthiessen (2004), ao desenvolverem uma teoria sistêmica e funcional, concebem a língua como inserida em um contexto (de situação e de cultura), pois ela realiza funções externas ao sistema linguístico que, por sua vez, moldam sua organização interna e gramatical. O aspecto sistêmico refere-se ao significado como uma escolha, ou seja, às redes de opções disponíveis dentro de uma cultura para construir significados. O aspecto funcional, por sua vez, relaciona-se ao uso que fazemos da língua, considerando que suas estruturas podem descrever, interpretar e construir significados. Na perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), os significados que produzimos em nossas atividades comunicativas se realizam linguisticamente sob a forma de orações. A GSF estabelece três metafunções (ideacional, interpessoal e textual) e seus respectivos sistemas (transitividade, modo e modalidade, estrutura temática) para subsidiar a análise das orações. Os elementos

verbais de nosso *corpus* remetem às vivências dos sujeitos e às suas experiências diante dos fatos do mundo.

Assim, é por meio do discurso que as oposições binárias de gênero se reafirmam no contexto social, especialmente no que se refere à homossexualidade. Dessa maneira, o discurso, enquanto parte integrante das práticas sociais, desempenha um papel crucial na (re)produção das identidades e na construção de papéis e lugares sociais destinados a pessoas homossexuais. Essas identidades e esses papéis sociais sustentam as ideologias dominantes e comentários para a manutenção de assimetrias de poder, bem como para a formulação de sentidos que determinam o que é ou não considerado "ser homem" dentro do espectro social da sexualidade. A partir dessa constatação, torna-se socialmente relevante, buscar compreender a relação entre língua e sociedade na disputa pelo poder, bem como o papel do discurso no perpetuamento de narrativas regulatórias que reproduzem preconceitos. Desse modo, é possível entender como a linguagem pode incluir ou excluir sujeitos homossexuais no ambiente social, influenciando diretamente a sua visibilidade e representatividade.

Dentro do nosso *corpus*, a transitividade é uma categoria relevante, pois permite examinar como os processos (verbos), participantes (substantivos) e circunstâncias (adjuntos) são utilizados para descrever as ações e os estados emocionais dos protagonistas Ennis e Jack. A linguagem usada no filme capta as experiências vividas pelos personagens, refletindo suas lutas internas, desejos reprimidos e o impacto de suas escolhas sobre suas vidas e as dos outros. O modo e a modalidade são importantes para entender como os personagens interagem entre si. Por exemplo, o uso de modelos declarativos e interrogativos pode revelar os níveis de intimidade e conflito nas conversas entre Ennis e Jack. A análise da modalidade também pode mostrar como os personagens expressam certeza, obrigação e desejo, destacando as dinâmicas de poder e as tensões emocionais em suas interações.

Desse modo, dentro da análise das características físicas dos protagonistas Ennis e Jack, a transitividade também desempenha um papel essencial ao descrever a maneira como suas aparências externas contribuem para a construção de suas identidades e para a narrativa social. Ennis Del Mar é retratado como um homem de compleição robusta, refletindo a força física e a dureza típicas do arquétipo do *cowboy* americano. Sua postura reservada e introspectiva, combinada com traços marcantes como o queixo quadrado e o olhar frequentemente evitativo, sugerem uma resistência emocional que se reflete em suas interações com o mundo à sua volta. Esse comportamento físico é reforçado pelas escolhas linguísticas associadas ao personagem, que frequentemente expressa desejo ou conflito através de poucas palavras e gestos mínimos, demonstrando a tensão entre sua aparência exterior rígida e seus sentimentos internos reprimidos.

Jack Twist, por sua vez, embora também inserido no molde físico do *cowboy*, apresenta um corpo ligeiramente menos robusto e uma expressividade corporal mais expansiva. Seus gestos amplos e expressões faciais mais abertas contrastam com a rigidez de Ennis, simbolizando uma maior disposição para transgredir as normas sociais impostas. Através de uma linguagem verbal mais fluida, Jack manifesta suas intenções e desejos de maneira mais explícita, evidenciando um processo de transitividade em que sua agência emocional é mais pronunciada. Essa diferença na constituição física e na expressão corporal entre os personagens aprofunda a análise das suas interações, revelando um desequilíbrio nas dinâmicas de poder. Enquanto Ennis reforça a heteronormatividade por meio de sua postura física e emocional contida, Jack tenta desafiar esse controle, expondo o conflito interno que ambos experienciam entre suas aparências exteriores e suas realidades emocionais.

Ademais, as escolhas linguísticas dos protagonistas são igualmente centrais para a construção de suas identidades e para a configuração das dinâmicas de poder que permeiam suas interações. Ennis, coerente com sua postura física reservada, utiliza uma linguagem minimalista e lacônica, frequentemente marcada por frases curtas e declarações assertivas, o que reflete sua relutância em se envolver emocionalmente. Seu discurso é carregado de silêncios e pausas, sugerindo uma tentativa de conter o que não pode ser dito – uma manifestação verbal de sua repressão interna. Jack, por outro lado, apresenta uma linguagem mais fluida e emocionalmente carregada, utilizando construções discursivas mais longas e interrogativas, que revelam seu desejo constante de diálogo e de conexão emocional com Ennis. O contraste entre o discurso contido de Ennis e a expressividade verbal de Jack evidencia a discrepância entre suas formas de lidar com a identidade e os afetos, reforçando, assim, a tensão central que transpõe suas interações.

3 DINÂMICAS DE IDENTIDADE E SEXUALIDADE NO CONTEXTO SOCIAL

Bauman (2005) argumenta que a identidade é moldada pela interação com as comunidades e pela influência da sociedade em que estamos inseridos. Ele ressalta que a identidade não é uma entidade estática, mas sim fluida, sendo constantemente afetada pelo ambiente e pelas pessoas ao nosso redor. Bauman (2005) usa o termo “identidade líquida” para descrever essa natureza mutável da identidade, enfatizando que não nascemos com uma identidade definida, mas que ela se desenvolve gradualmente em resposta aos conflitos e influências sociais. Conforme o autor, as identidades são moldadas tanto por escolhas pessoais quanto por pressões externas, sendo crucial manter-se vigilante para proteger as identidades escolhidas daquelas impostas por outros. Ainda, o autor observa que “As 'identidades' flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas à nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender

as primeiras em relação às últimas" (Bauman, 2005, p. 19). Isso indica que estamos constantemente sujeitos a influências externas e que criamos múltiplas identidades, ajustando nosso comportamento conforme os diferentes contextos e interações sociais.

Nesse âmbito, Hall (1997), concebe a representação dos sujeitos sociais como um sistema aberto e complexo, conectado às práticas discursivas e subordinado a relações de poder. Ele elucida que, ao longo da História, determinados grupos sempre exerceram poder discursivo sobre outros. Nesse sentido, é possível afirmar que a representação social é um produto discursivo cujo significado é atravessado por regimes de verdade e relações hegemônicas. Ao examinar a abordagem adotada pelos protagonistas Ennis e Jack em relação às suas identidades em um ambiente social conservador, emerge a evidência da maleabilidade e adaptabilidade identitária, tal como conceitualizada por Bauman (2005). A análise discursiva presente na obra cinematográfica expõe complexas dinâmicas entre as escolhas individuais dos personagens e as normas sociais predominantes, conferindo uma profundidade acrescida à compreensão das temáticas relacionadas à identidade sexual e às pressões sociais latentes.

Ademais, Hall (2012) propõe que a identidade deve ser entendida como um conceito "sob rasura", ou seja, não deve ser concebida no sentido original que possuía – uma designação da singularidade integral, "essencial" e unívoca de algo ou alguém. O autor ainda diz que:

O ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos "interpelar", nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode "falar". [...]. Se uma suturação eficaz do sujeito a uma posição-de-sujeito exige não apenas que o sujeito seja "convocado", mas que o sujeito invista naquela posição, então a suturação tem que ser pensada como uma articulação e não como um processo unilateral. (Hall, 2012, p. 112).

Logo, pode-se perceber que a sexualidade, ao invés de ser uma questão estritamente individual ou biológica, é influenciada de maneira substancial por fatores sociais e culturais. As crenças e atitudes sociais em relação à homossexualidade podem moldar a forma como os indivíduos percebem e expressam sua identidade. Os papéis sexuais são moldados desde muito cedo pela própria família; como o patriarcado estabelece um sistema binário de gênero, classificando rigidamente masculino e feminino, o sujeito *queer* encontra-se desalojado desse eixo normativo. Esta exclusão sistemática ocorre porque, historicamente, qualquer identidade ou expressão de gênero que desvie dessa dicotomia é vista como anômala. A homossexualidade, por exemplo, foi frequentemente considerada um desajuste sexual, com fatores biológicos e psicológicos sendo utilizados para justificar essa visão. A

partir dessas perspectivas reducionistas, a homossexualidade foi muitas vezes patologizada, sendo tratada como uma condição médica ou psicológica a ser corrigida, em vez de uma variação natural da diversidade humana. Isso perpetuou estigmas e discriminações que ainda hoje afetam a vida dos sujeitos *queer*.

Sob esse prisma, Butler (1990) argumenta que "os corpos são materializados dentro de uma matriz de relações de poder" (Butler, 1990, p. 2), destacando que as performances de gênero e sexualidade são estruturadas por dinâmicas de poder que operam no tecido social. Tais performances são mantidas por meio da repetição de atos que reiteram normas sexuais hegemônicas, ao mesmo tempo em que evidenciam as tensões e as contradições subjacentes a essas normas. Butler propõe que "os sujeitos são obrigados a internalizar as normas para serem reconhecidos como inteligíveis" (Butler, 1990, p. 16), sugerindo que a conformidade com as expectativas sexuais impostas socialmente é um requisito para o reconhecimento social. Essa internalização ocorre como uma forma de adaptação a um sistema que sanciona aqueles que se desviam das normas sexuais estabelecidas, resultando na marginalização de identidades dissidentes. A performatividade, neste contexto, pode ser entendida como uma ferramenta de resistência, na medida em que os atos repetidos que moldam a identidade sexual também têm o potencial de subverter essas mesmas normas. Ao repetirem comportamentos que fogem às expectativas heteronormativas, os sujeitos desafiam o sistema, revelando as brechas nas estruturas sociais que tentam controlar a sexualidade.

Nessa conjuntura, o conceito de "heterossexualidade compulsória" Rich (1980), enriquece a análise ao destacar as normas sociais que impõem a heterossexualidade como padrão. A autora diz que esse ideal social exerce uma pressão sobre as pessoas, moldando seus comportamentos de forma a se conformar às expectativas heteronormativas, por consequência moldando assim, suas identidades perante a sociedade. Em suas palavras, "a heterossexualidade é uma instituição que força conformidade e reprime alternativas" (Rich, 1980, p. 641). Ela observa que dentro desse sistema de normas, "a heterossexualidade opera como uma instituição de controle social" (Rich, 1980, p. 642), sugerindo que a conformidade à norma heterossexual é uma forma de manter a ordem social e reforçar as hierarquias de poder existentes.

Dessa forma, a heterossexualidade compulsória Rich (1980), evidencia como a imposição de normas heteronormativas atua como um mecanismo estruturante de controle social, direcionando as identidades sexuais para condescender às expectativas sociais dominantes. A conformidade a essas normas reprime alternativas de expressão sexual e reforça o processo de exclusão de identidades que desafiam o padrão hegemônico. Nesse contexto, a identidade sexual é constantemente condicionada a se alinhar aos modelos dominantes, limitando a agência dos indivíduos e perpetuando a marginalização de identidades dissidentes. Assim, a análise crítica dessas normas e de seus impactos torna-se

essencial para compreender as interações entre poder, sexualidade e identidade, especialmente em contextos como o retratado em “O Segredo de *Brokeback Mountain*”, onde os protagonistas enfrentam as pressões de uma sociedade que regula e sanciona suas expressões sexuais.

4 A MONTANHA, O AMOR E O SEGREDO DE JACK E ENNIS

O filme “O Segredo de *Brokeback Mountain*” (2005), aborda a relação entre Jack Twist (Jake Gyllenhaal) e Ennis Del Mar (Heath Ledger), dois *cowboys* americanos que se conhecem enquanto trabalham em um rancho de ovelhas localizado na isolada montanha *Brokeback*, no estado de *Wyoming*. Nesse ambiente de solidão e isolamento, os personagens desenvolvem uma ligação física e emocional intensa, desafiando assim, as normas de heteronormatividade⁴ que perpetuavam o contexto social da época. É importante destacar que a figura dos *cowboys* no filme opera de forma metafórica. Não há representação da conquista do Oeste, da corrida pelo ouro na Califórnia, da delimitação de fronteiras com o México, nem da colonização de povos indígenas. Esses elementos, embora ausentes na narrativa explícita, permanecem como vestígios da memória histórica da região. A metáfora é reforçada por uma estética visual que, talvez de maneira eufemística, evita exageros que poderiam tender ao caricatural. Em vez disso, o filme equilibra sentimentos contrastantes, que inicialmente parecem opostos, mas logo se harmonizam, culminando em uma simbiose amorosa.

A narrativa se desenrola no ano de 1963, um período em que a sociedade impunha rígidas expectativas em relação ao comportamento sexual e afetivo, reforçando a ideia de que o amor deveria manifestar-se exclusivamente entre homens e mulheres. Furlani (2009) afirma que “cada sociedade legitima ou condena certas práticas sexuais e determinados sujeitos, conforme o entendimento momentâneo que tem sobre eles” (Furlani, 2009, p. 11). A sociedade da época, ao impor a heterossexualidade como norma e marginalizar qualquer forma de relacionamento fora desse padrão, reflete o papel das estruturas de poder na legitimação ou condenação de determinadas práticas sexuais.

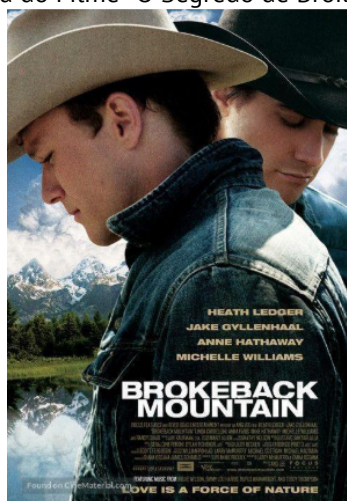
Após o término do trabalho, cada um segue seu caminho, conformando-se aos papéis sociais esperados, ao se casarem e terem filhos. Embora suas vidas sigam caminhos separados, o vínculo profundo que eles formaram na montanha continua a afetar suas vidas. Anos depois, Jack e Ennis se reencontram e retomam seu relacionamento, embora sob as limitações impostas pela sociedade. Eles se veem esporadicamente, mantendo seu amor em segredo enquanto tentam equilibrar suas vidas familiares e a expectativa social de

⁴De acordo com Michael Warner (1991), heteronormatividade é o conjunto de normas e práticas sociais que naturalizam e privilegiam a heterossexualidade como a única forma legítima de relacionamento sexual e afetivo, marginalizando e estigmatizando outras orientações e identidades sexuais. A heteronormatividade pressupõe que o comportamento heterossexual é o padrão e espera que todos os indivíduos se conformem a essas expectativas, reforçando assim as estruturas de poder e desigualdade na sociedade.

heterossexualidade. Ambos se casaram com mulheres e tiveram filhos, seguindo o modelo tradicional de família imposto pela sociedade da época. Ennis casou-se com Alma, com quem teve duas filhas, enquanto Jack se uniu a Lureen, com quem também teve um filho. Apesar de suas vidas aparentarem normalidade dentro das convenções sociais, seus casamentos eram afetados pelo relacionamento secreto que mantinham entre si, o que gerava conflitos internos e tensões familiares. A narrativa acompanha os encontros e desencontros dos dois ao longo dos anos, evidenciando a dor e o conflito que surgem da necessidade de esconder quem realmente são e o amor que sentem um pelo outro.

Hall (1997) argumenta que a identidade é uma construção social, em constante negociação diante das expectativas culturais e relações de poder, o que se reflete na ocultação da homossexualidade de Ennis e Jack para atender às normas heteronormativas. Nesse panorama, o filme exemplifica a teoria do "armário gay"⁵, demonstrando como os protagonistas ocultam sua verdadeira identidade sexual para atender às expectativas heteronormativas e sexistas da sociedade. Essa ocultação provoca uma crise interna e externa, evidenciando a tensão entre a manutenção de uma fachada de masculinidade viril e a autenticidade de seus sentimentos e identidades. Rich, ao discutir as estruturas de opressão ligadas à sexualidade, observa que "qualquer análise verdadeira da opressão precisa envolver a experiência de viver um duplo pensamento" (Rich, 1980, p. 648), o que reforça a ideia de que os protagonistas foram forçados a dividir sua identidade entre o que pode se manifestar publicamente e o que precisa ser reprimido.

FIGURA 1- Capa do Filme "O Segredo de Brokeback Mountain"



Fonte: <https://pin.it/4PQ7YGV8A>

⁵ O termo "armário gay" não está diretamente ligado a um único teórico, mas é frequentemente utilizado na literatura acadêmica e nos estudos de gênero e sexualidade para descrever o fenômeno da ocultação da identidade sexual ou de gênero por parte de pessoas LGBTQ+. Porém, a ideia do "armário gay" está intimamente ligada aos conceitos de heteronormatividade e homofobia, discutidos por diversos teóricos, como Michael Warner, Eve Kosofsky Sedgwick, Judith Butler, entre outros. Esses teóricos exploram as normas sociais que privilegiam a heterossexualidade e marginalizam as identidades não heterossexuais, bem como as consequências psicológicas e sociais dessa marginalização, o que contribui para a existência do "armário gay".

Em primeira análise, a imagem da capa do filme (figura 1), que traz a legenda em inglês "*Love is a force of nature*" (O amor é uma força da natureza), sugere que o amor é uma experiência inerente e natural, que não se curva a convenções sociais ou imposições externas. No contexto do filme, essa força não se limita às teorias sociais de heteronormatividade; pelo contrário, ela ultrapassa as barreiras sexuais e de poder social. O sentimento entre os personagens principais representa uma expressão de afeto que desafia os ideais da época, revelando que o amor pode ser vivido e sentido por qualquer sujeito. O amor transcende sexo, cor, idade e raça; é, essencialmente, uma força da natureza, quase primitiva.

FIGURA 2- *Frame* do objeto de estudo



Fonte: <https://pin.it/4PQ7YGV8A>

Na Cena representada pela figura 2⁶, evidencia-se a crise do ideal heteronormativo presente nos contextos socioculturais em que os personagens principais vivem. Após a primeira noite de sexo, Ennis monta em seu cavalo e parte apressado para a montanha, enquanto reflete sobre o ocorrido. Sua expressão demonstra confusão interna, e a construção imagética utilizada pelo diretor Ang Lee expressa o conflito que Ennis viveu. O cavalo avança lentamente, e o céu, inicialmente claro, começa a se cobrir de nuvens escuras, acompanhado pelo som distante de trovões. Essa composição visual simboliza o

⁶ É relevante destacar que as imagens apresentadas a partir da figura 2 são *frames* extraídos do filme disponível na plataforma de *streaming Disney+*. Os personagens principais são dublados no Brasil por **Alexandre Moreno** (Ennis Del Mar) e **Felipe Grinnan** (Jack Twist). Nesse ínterim, a análise das cenas foi feita a partir do discurso verbal dos personagens (dublagem em português), sendo que a escolha das cenas foi influenciada pelos sentimentos que o autor do trabalho experimentou ao assistir ao filme e ao visualizar cenas cortadas postadas nas redes sociais. Essas cenas evocaram, como sujeito gay, emoções de medo, amor e a repressão social refletida principalmente nas falas de Ennis Del Mar, que ainda ressoam na vida de muitas pessoas LGBTQIA+, assim como na vivência pessoal do autor.

juízo que Ennis faz do que aconteceu, associando-o a algo errado, perigoso e desconcertante.

Esse juízo é salientado discursivamente no filme em questão, especificamente aos 31 minutos e 43 segundos, quando, um dia após sua primeira noite de sexo, os personagens dialogam pela primeira vez: Ennis afirma: "Isso nunca mais vai acontecer." Jack responde: "Ninguém precisa saber." Ennis, então, declara: "Eu não sou Viado!". Na fala do personagem Ennis, percebe-se que a relação amorosa ocorrida na noite anterior é vista como algo anormal, algo que não pode se repetir por ser visto socialmente como errado.

Ademais, a dublagem do diálogo dos personagens enfatiza, na fala de Ennis, sua rejeição à identidade homossexual, ao dizer: "Eu não sou viado". No áudio original, a fala é: "*You know I ain't a queer*". O termo "*queer*" é amplamente utilizado nos estudos sobre gênero e sexualidade, sendo compreendido, segundo Jagose (1996), como um conceito que "questiona a normatividade sexual e desafia as categorizações rígidas de identidade" (Jagose, 1996, p. 3). A troca de "*queer*" por "viado" na versão dublada para o português carrega uma transformação significativa no nível gramatical e semântico. Enquanto "*queer*" pode ser usado tanto em contextos afirmativos quanto críticos, a palavra "viado", na língua portuguesa, possui um forte tom pejorativo.

Aranha (2002) observa que o termo 'viado' é frequentemente utilizado no Brasil como uma forma de insulto, direcionada a indivíduos identificados como homossexuais masculinos. Essa palavra carrega uma forte conotação depreciativa, que visa inferiorizar e estigmatizar o homem homossexual. Ao adotar essa carga semântica difamatória, o uso do termo pretende caracterizar negativamente aqueles que não se alinham às normas heterossexuais. Dessa forma, a linguagem exerce um papel central na imposição dessas normas, uma vez que termos pejorativos são instrumentalizados para marginalizar e desqualificar identidades dissidentes, como destacado por Rich (1980).

Após o contato sexual, observa-se no discurso de Ennis a negação de sua homoafetividade. Essa reação demonstra uma crise identitária, dado que, antes do ocorrido, ambos se percebiam como heterossexuais. O personagem Ennis apresenta uma atitude impregnada de masculinidade cultural e agressividade, permanecendo insensível até mesmo quando sua filha lhe comunica que irá se casar ou quando terminar seu relacionamento com Jack Twist. As raras expressões de sentimentalismo que surgem se mostram relacionadas à violência, refletindo a construção do personagem dentro dos parâmetros da heterossexualidade compulsória, em que comportamentos violentos são apresentados como o padrão ideal para os traços culturais de masculinidade.

Além disso, as atitudes dos personagens ao negarem sua homossexualidade refletem as pressões sociais que privilegiam a heterossexualidade. Quando Jack afirma que o ocorrido era algo que só dizia respeito a eles, evidencia-se o temor de que essa realidade venha a público, evidenciando a influência do estigma social sobre suas ações. De acordo

com Butler (1990, p. 239), "a heteronormatividade é a matriz heterossexual imposta aos indivíduos da sociedade, e que não é natural, mas sim 'imaginária' – já que nem sempre ela acontece, como nos casos de homossexualidade". Caso contrário, a homossexualidade não seria alvo de tanta repressão e tabu. Segundo a autora, tanto a heteronormatividade quanto a homofobia são construções sociais que se consolidam como reações à proibição e marginalização da homossexualidade, e não suas causas originárias.

Connell (2005), dialoga com isso quando diz que, a masculinidade hegemônica é a configuração das práticas de gênero que legitimam a posição dominante dos homens na sociedade e a subordinação das mulheres, estabelecendo padrões de comportamento que os homens são incentivados a seguir para manter essa hegemonia. Esse processo é exemplificado na figura de Ennis Del Mar que, em um esforço para evitar ser classificado como um sujeito abjeto ou desviado, reafirma continuamente a norma heterossexual. Ennis faz isso não só por meio de ações violentas, que simbolizam uma tentativa de alinhamento com o modelo dominante de masculinidade, mas também ao expressar verbalmente seu fracasso como marido e profissional, conectando esses insucessos diretamente ao seu relacionamento com Jack.

Nesse sentido, a norma heterossexual é legitimada através de atos performativos de gênero, o que pode ser entendido sob a ótica de Butler: "a performatividade não é, assim, um 'ato' singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas" (Butler, 2001, p. 167). O enredo retrata os personagens como constantemente tentando projetar uma identidade visual de homens másculos e viris que reforça e se alinha aos paradigmas socioculturais heterossexistas⁷ sempre mantendo as características do *cowboy* do interior americano, como robustez física, resistência, independência, coragem e uma postura estoica diante das adversidades, deixando seus sentimentos reprimidos.

No entanto, a subversão ao ideal sociocultural hegemônico de masculinidade ocorre de maneira sutil. Os personagens expressam seus desejos, comportamentos e práticas sexuais homoeróticas de forma secreta, dissimulada e oculta durante 20 anos, em vez de aberta e pública, como ilustrado no conceito do "armário gay", refletindo o processo pelo qual os sujeitos gays ocultam parcial ou totalmente seus próprios desejos e comportamentos homoeróticos devido à pressão da heteronormatividade e da homofobia. Warner (2002) expande essa discussão ao explorar como a sociedade regula a visibilidade e a aceitação das identidades queer. Ele afirma que "a vergonha e o estigma associados às identidades queer muitas vezes forçam as pessoas a se esconderem ou a se ajustarem a normas heteronormativas" (Warner, 2002, p. 53).

⁷ O termo "heterossexismo", conforme definido por Warner (1991), combina os conceitos de "sexismo" e "heteronormatividade", descrevendo um sistema de atitudes, preconceitos e discriminação que privilegia relações heterossexuais e marginaliza outras formas de expressão sexual e de gênero. Essa dualidade revela a tensão entre a conformidade aos padrões hegemônicos de masculinidade e a expressão autêntica da identidade individual dos personagens, demonstrando a complexidade das dinâmicas de gênero e sexualidade.

Brokeback Mountain, representa o único refúgio dos *cowboys* das vozes opressivas da sociedade. Para os dois protagonistas do romance, a montanha se tornava um espaço de exílio, um ambiente onde poderiam experimentar sua relação sem as restrições impostas pelo mundo externo. Pode-se considerar que a montanha funcionava como um ponto de escape das normas e estruturas discursivas que confinavam os personagens, permitindo-lhes uma liberdade que não era possível em sua vida cotidiana. No entanto, o espaço de exílio era visto pelos outros personagens como um local irrelevante e estéril. Um exemplo disso é a indagação de Alma, esposa de Ennis, na cena que ocorre às 1:27:30 do filme, que questiona por que ele passou 20 anos nas montanhas com Jack (seu amante), indagando que iria pescar, mas voltava sem trazer um único peixe. Essa imagem discursiva funciona como uma metáfora: Ao utilizar a ausência de peixes como argumento, Alma subentende que os encontros entre Ennis e Jack são improdutivos, inúteis, e contrários à ordem social.

A metáfora faz referência a um pescador que, apesar de passar anos à beira de um lago, nunca conseguiu pescar um único peixe. Mas, afinal, que tipo de pescador é esse? A figura do pescador simboliza alguém que, aos olhos da sociedade, não cumpre seu papel esperado de forma "produtiva" ou "frutífera". Ou seja, o discurso metafórico ressalta o conflito entre o que é visto como socialmente útil e aquilo que escapa dessa norma, gerando incompreensão e, por vezes, desprezo. Essa alegoria da ausência de peixes carrega uma crítica à relação entre os dois homens, revelando, por meio do olhar de Alma, a visão da sociedade sobre a "inutilidade" de um relacionamento que não produz resultados tangíveis, como seria esperado dentro das normas heteronormativas e patriarcais. Como Stuart Hall (1997) argumenta, as normas culturais impõem expectativas específicas sobre os papéis de gênero e comportamento social. No caso dos homens, isso inclui o cumprimento de papéis de provedores, trabalhadores e figuras de autoridade, em que ações visíveis e produtivas são valorizadas. O fato de Ennis não trazer peixes de suas viagens à montanha com Jack simboliza, para Alma, que o relacionamento deles não corresponde aos moldes socialmente aceitos, uma vez que não há produção de resultados "úteis" que a sociedade patriarcal espera dos homens.

Esse discurso reflete a crença de que a relação entre pessoas do mesmo sexo não se encaixa nos padrões estabelecidos da heterossexualidade, sendo assim, vista como improdutiva. O sexo deve ser inócuo, usufruído exclusivamente para gerar e não para o prazer (Branco, 2015). Ennis, ao buscar evitar a marginalização social, reafirma constantemente as normas da heterossexualidade por meio de atos de violência. Ainda na mesma cena, quando Alma confronta Ennis ao revelar que sabia de seu relacionamento com Jack, Ennis a interrompe de forma brusca e agressiva, segurando-a pelo braço e ameaçando: "Você não sabe nada sobre isso!". A reação violenta do personagem expressa uma tentativa de resguardar sua masculinidade, que ele percebe como ameaçada. A brutalidade física e

verbal atua de maneira performativa, reafirmando os ideais normativos de masculinidade e heterossexualidade (Butler, 2014).

Outro exemplo de performatividade se dá na cena (1h13min15s), quando Ennis e Alma discutem durante o almoço. Alma, ao afirmar que não almoçaria porque precisaria fazer horas extras no trabalho, irrita Ennis, que reage dizendo que ninguém comeria se a mulher não servisse a refeição. Esse episódio ilustra a reiteração das normas heterossexuais que reforçam o binarismo masculino/feminino, assim como os papéis de gênero tradicionais, em que a mulher é vista como responsável pelo cuidado do lar e da família, enquanto o homem é posicionado como provedor. A postura de Ennis é um reflexo da expectativa de congruência entre sexo e gênero, imposta pela heterossexualidade compulsória Rich (1980).

Ainda Rich (1980) enfatiza como as normas sociais regulam e restringem as identidades individuais, moldando a forma como nos apresentamos ao mundo, bem como nos compreendemos e nos relacionamos com os outros. A autora argumenta que, dentro desse sistema, a expressão autêntica da identidade é frequentemente reprimida em favor da conformidade às expectativas sociais dominantes. Outro exemplo em que esse tipo de discurso se manifesta é quando Alma decide parar de usar contraceptivos e explica a Ennis o motivo: o tipo de sexo que ele preferia com ela não apresentava risco de gravidez. Isso sugere que Ennis tinha preferência pelo sexo anal, uma prática que diverge dos padrões estabelecidos pela moral religiosa e tradicional da igreja.

Em determinado ponto da narrativa, Jack, que está mais distante dos discursos sociais dominantes acerca da sexualidade, faz planos para que eles vivam juntos. O diálogo ocorre na primeira viagem dos personagens à montanha, após quatro anos sem se ver. A reação de Ennis revela uma clara apreensão:

Ennis: Dois caras morando juntos? Esquece, a gente pode se ver de vez em quando, desde que seja em um local escondido. Jack: De vez em quando? De quatro em quatro anos? Ennis: Se não der pra mudar, Jack, tem que aguentar. Jack: Quanto tempo? Ennis: Enquanto der pra aguentar, não vejo como isso pode mudar (1:12:30).

Esse diálogo ilustra o impacto das normas sociais e da pressão discursiva sobre os personagens. Conforme delineado por Fairclough (2001) o discurso reflete a realidade social, mas também participa ativamente de sua constituição e reprodução. No caso de Ennis e Jack, o discurso dominante em relação à masculinidade e à sexualidade é um produto da prática social que molda suas identidades e escolhas. A cena em questão destaca como Ennis está preso nas expectativas normativas e como seu medo de se desviar desses padrões reflete a influência do discurso dominante.

A apreensão de Ennis em relação ao futuro junto com Jack é uma manifestação de sua luta interna e da pressão social para manter uma identidade heterossexual, ilustrando como o discurso contribui para a construção e a manutenção das normas culturais. Durante o encontro dos personagens na montanha, no minuto 1:31:19, Ennis questiona Jack: "Você nunca teve a sensação de, quando está na cidade, alguém te olhar desconfiado, como se comenta? E aí você encontra mais gente, e todos te olham como se conhecessem a sua história." Esse diálogo reflete uma dimensão da opressão psicológica e social enfrentada pelos sujeitos queer. Como aponta Foucault (1977), a sociedade exerce uma vigilância constante sobre os corpos e comportamentos, utilizando mecanismos de poder que disciplinam e normatizam as identidades dissidentes. Essa vigilância social pode gerar um estado de auto policiamento, no qual o indivíduo que internaliza o olhar opressor, sentindo-se constantemente observado e julgado, ou que, por sua vez, leva à repressão de sua própria identidade para evitar punições físicas ou simbólicas.

No último encontro entre os personagens, ao minuto 1:46:45, Jack expressa a insatisfação com a relação amorosa, enfatizando sua insuficiência: "Podíamos ter tido uma boa vida juntos, uma vida boa demais, com um lugar só para nós dois, mas você não quis, Ennis, e o que temos agora é a montanha *Brokeback*." Ele prossegue: "Dá para contar nos dedos as vezes que a gente se encontrou nesses 20 anos... Você não faz ideia de como isso é ruim! (...) Eu não sou como você, eu não sobrevivo com uma trepada em uma montanha umas duas vezes por ano." Esse discurso revela, de forma contundente, as tensões entre o desejo por uma vida compartilhada e a imposição de barreiras sociais que inviabilizam a concretização dessa relação.

A menção à montanha *Brokeback* como o único espaço de liberdade para o casal sugere um enclausuramento simbólico, no qual o amor homoafetivo só pode existir à margem da sociedade, longe do olhar público. Esse espaço de clandestinidade pode ser interpretado, conforme Foucault (1977), como um mecanismo de controle social que obriga os sujeitos *queer* a ocultar suas identidades e relações, restringindo-as ao domínio privado e não institucionalizado. A fala final de Jack, "eu não sou como você, eu não sobrevivo com uma trepada em uma montanha umas duas vezes por ano", sublinha a discrepância entre as formas de lidar com a opressão. Enquanto Ennis, dominado pelo medo e pela internalização das normas sociais, se conforma com os raros encontros, Jack almeja uma vida mais completa e estável. Essa tensão evidencia a diferença de estratégias de sobrevivência diante da repressão: enquanto Ennis se adapta às exigências normativas, Jack busca subverter essas regras e transcender as limitações impostas.

O medo que Ennis sente em relação à sociedade de descobrir sua sexualidade tem raízes profundas em sua infância. Quando criança, ele foi exposto a uma cena brutal de homofobia, na qual seu pai o forçou a visualizar o corpo de um homem que foi espancado

até a morte e jogado em uma canal devido à sua orientação sexual. Seu pai acompanhou a cena com a declaração de que essa era a sorte reservada para pessoas como ele.

Havia dois caras que moravam em um rancho perto de casa, Earl e Rich. Eles eram a piada da cidade... Encontraram um deles morto em um canal de irrigação; amarraram-no a um ferro e o arrastaram pelo pênis até o membro se arrebentar... Meu pai me levou, junto com meu irmão, para ver a cena. Pelo que sei, o terror funcionou (1: 11:20s).

Esse discurso enraizado na mente de Ennis molda sua percepção e comportamento ao longo de sua vida. Essa influência persiste até o fim do filme, onde, implicitamente, é sugerido que Jack é morto como vítima de homofobia, após sua esposa descobrir o relacionamento dele com outro homem. A conclusão de *Brokeback Mountain* implica que os dois *cowboys* foram aprisionados por construções sociais em torno de sua sexualidade. Eles se viram confrontados com a influência enigmática desses discursos. Naquele tempo e lugar específicos, os personagens foram apresentados a várias opções, mas agora eles se encontram com escolhas limitadas. Eles podem optar por existir dentro de uma realidade fabricada que esteja em conformidade com as expectativas que lhes são impostas, exilando-se efetivamente do seu verdadeiro eu, ou podem enfrentar o sistema de frente, arriscando as suas próprias vidas. Jack, que ousou ultrapassar os limites da montanha e desafiar as narrativas predominantes em torno da sexualidade, pagou o preço final – a sua vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, as análises desenvolvidas ao longo deste estudo revelam a forma como o filme “*O Segredo de Brokeback Mountain*” constrói a identidade homossexual em um contexto de forte repressão social, evidenciando o papel central da heteronormatividade compulsória na marginalização de identidades dissidentes. Através da trajetória de Ennis e Jack, o filme ilustra o impacto das normas sociais sobre os sujeitos, obrigados a viver uma vida dupla, marcada pelo segredo e pela negação de seus desejos. A montanha, enquanto espaço de refúgio, simboliza a liberdade temporária em contraponto às rígidas expectativas sociais que permeiam o ambiente externo, refletindo a tensão constante entre a autenticidade subjetiva e as imposições normativas. A análise discursiva revelou como o silêncio e a contenção dos personagens expressam a internalização de discursos hegemônicos que impõem uma masculinidade tóxica e limitam a expressão afetiva homoerótica. Assim, este estudo contribui para aprofundar o entendimento das dinâmicas de poder, opressão e exclusão que afetam as identidades homoafetivas, demonstrando como o filme se constitui não apenas como uma narrativa de amor proibido, mas como um retrato das complexas relações entre desejo, identidade e repressão em contextos conservadores.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Antônio José. **Dicionário brasileiro de insultos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BRANCO, Fabiana de Souza Castelo. **Um corpo estranho no santuário**: discurso de instituições religiosas e experiências de indivíduos homossexuais em igrejas. Curitiba: Appris, 2015. Kindle Edition.
- BUTLER, Judith. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In*: GUACIRA Lopes Louro (org). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 151-172.
- BUTLER, Judith. **Gender Trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. New York: Routledge, 1990.
- BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 249-274, 2014.
- CONNELL, Raewyn W. **Masculinities**. 2 ed. Cambridge: Polity Press, 2005.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. London: Longman, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: História da Violência nas Prisões. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- FURLANI, Jaqueline. **Mitos e tabus da sexualidade humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. 3 ed., 1 reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 103-133.
- HALL, Stuart. **Representation**: Cultural Representation and Signifying Practices. London: Sage Publications, 1997.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. **An Introduction to Functional Grammar**. 3 ed. London: Edward Arnold, 2004.
- JAGOSE, Annamarie. **Queer Theory**: An Introduction. New York: New York University Press, 1996.
- MATTOS, Alexandre Corrêa Gomes de. **Publique-se a lenda**: a história do western. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- PRAXEDES FILHO, Pedro. **A corpora-based study of the development of EFL Brazilian learners' interlanguage from simplification to complexification in the light of systemic-functional grammar**. Tese (Doutorado em Letras/Inglês e Literatura Correspondente) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- PROULX, Annie. **O segredo de Brokeback Mountain**. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.
- RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. **Signs**, v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the Closet**. Berkeley: University of California Press, 1990.

WARNER, Michael. **Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991.

WARNER, Michael. **Publics and Counterpublics**. New York: Zone Books, 2002.

Recebido em: 17/09/2024

Aceito em: 08/11/2024